



# VERDADES EM ERUPÇÃO

Em 'Pompeia Sob as Nuvens', o documentarista retrata o cotidiano de quem vive à margem do vulcão Vesúvio

Um dos documentaristas mais premiados da atualidade, Gianfranco Rosi lança 'Pompeia: Sob As Nuvens', retratando uma Nápoles além da lava e das notícias, renovando o gênero de não-ficção

**RODRIGO FONSECA**  
Especial para o Correio da Manhã

**V**ulcões atraem o olhar crítico de Gianfranco Rosi não pelo risco de uma erupção iminente, mas pelo que revelam sobre as vidas em seu entorno. Espaços urbanos são um tecido humano e é de gente que fala a obra desse popstar do real, consagrado com o Urso de Ouro da Berlinale (por "Fogo no Mar", em 2016) e com o Leão de Ouro veneziano, conferido a seu "Sacro GRA", em 2013. A gente que estrela seu longa-metragem mais recente, "Pompeia: Sob as Nuvens" ("Sotto Le Nuvole") - documentário laureado com o Prêmio do Júri de Veneza, em setembro - é a população localizada entre o Monte Vesúvio e o Golfo de Nápoles.

A partir desta sexta (27), via MUBI, internautas do Brasil todo podem conferir o que esse território, de atividade vulcânica intensa... e quente, revelou ao documentarista ítalo-americano nascido na Eritreia, há 62 anos. Ali, o solo treme periodicamente e as fumarolas dos

Campos Flégreos contaminam o ar. A partir de vestígios da História, numa cartografia das memórias de um mundo subterrâneo, num registro em preto e branco de uma elegância plástica singular, emerge uma Nápoles menos conhecida, polifônica.

"Eu ponho meus olhos na câmera da mesma forma que um cientista observa um corpo num microscópio, assumindo que o documentário funciona, antes de tudo como uma ferramenta de investigação. As histórias que eu conto se desvelam para mim com o tempo, a partir de um convívio com os objetos. Nápoles está lá, diante de mim, como um espaço concreto. O que eu preciso é perceber o que parece não estar lá", explicou Gianfranco ao Correio da Manhã em entrevista via Zoom.

Retratada múltiplas vezes pelo cinema italiano como sendo uma região assolada pela Máfia, Nápoles lida com os vulcões à sua volta como parte indispensável de sua paisagem. O ritmo do povo local, em seu cotidiano, segue inalterado, apesar do acidente geográfico ao redor e das cinzas que ele pode gerar... além da lava que pode derramar. Em meio ao



Gianfranco Rosi

fluxo econômico da cidade, arqueólogos removem com cuidado séculos de poeira para revelar fragmentos da História, de tempos antigos que a lava destruiu. Paralelamente, crianças recitam lições enquanto a terra vibra sob seus pés. Bombeiros permanecem de prontidão, à espera do próximo chamado. É sempre assim por lá. É uma rotina que, em sua repetição, dava filme.

"O vulcão é uma máquina viva. O vulcão é como uma divindade no campo. É como Shiva, o deus destruidor e regenerador", explica Gianfranco. "Existe um espaço 'fora de quadro' que serve de base para o filme. Nápoles, para mim, é um enorme espaço repleto de coisas que não são vistas. Tudo está lá, mas por baixo da terra. Há um mundo incrível que está por baixo do relevo, e é isso que se tem de descobrir: o que está sob das aparências. É por isso que gosto de trabalhar com a câmera fixa, para concentrar a narração

dentro daquele enquadramento. Tenho uma única sequência em movimento nas cenas, com um trem".

No [www.mubi.com](http://www.mubi.com), encontra-se um outro longa de Gianfranco, "Notturmo" (2020), que saiu ovacionado do Festival de Veneza, levando um prêmio especial da Unicef pelo humanismo em sua colagem de diferentes formas de se lidar com a violência e a fé nos desígnios do Estado Islâmico. Na sequência, ele filmou "In Viaggio", calcado nas jornadas do Papa Francisco (1936-2025), que excursionou por 37 países, do Oriente Médio, pela América, África e Sudeste Asiático, discutindo temas centrais da atualidade - pobreza, natureza, migração, guerra e intolerância - em suas homilias. O diretor partiu dos sermões do Sumo Pontífice para analisar como suas palavras refletem a realidade. Paralelamente, nasceu o périplo que gerou "Pompeia: Sob as Nuvens", que, como de costume, exige do rea-

lizador múltiplas destrezas, uma vez que ele trabalha majoritariamente sozinho, chegando a operar a câmera e registrar o som - fora escrever o roteiro e cuidar da produção. Nessa função, aqui, ele não esteve sozinho.

O filme já na MUBI é produzido por Donatella Palermo, Paolo Del Brocco, 21Uno Film srl e Stimal Entertainment srl, com Rai Cinema. A montagem é de Fabrizio Federico, em colaboração com Joe Bini, e a trilha sonora é do vencedor do Oscar Daniel Blumberg.

"Gosto, na minha área, de revelar a complexidade da História, a complexidade do mundo em que vivemos. Por isso, para mim, é sempre um desafio deixar um espaço para a interpretação, jogando sempre com o que fica 'fora do quadro', além da imagem filmada, para deixar a ideia do que não está lá em discussão. É aí que reside o futuro da realização de documentários hoje em dia: inverter uma certa realidade, transformar a